

I. «PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

«O que foi que te trouxe aqui? O que te liga a esta experiência?»

No início do ensino médio eu abandonei o movimento. Fiz isso porque não via nele nada que me pertencesse, sentia-me “um estranho” na minha vida. Daí o desejo de fugir e de afastar-me de tudo e viver segundo minhas regras. Mas, infelizmente, do meu ponto de vista, se não bato o rosto não me apercebo. De fato, no início do terceiro ano do ensino médio, me dei conta de ter batido o rosto em cheio. E também muito forte. Dei-me conta de que a minha vida, de leve, havia beirado o fundo. Mas depois aconteceu alguma coisa, não uma iluminação, uma visão, ou sei lá qualquer outro troço espiritual. Simplesmente conheci umas pessoas. Estas pessoas que encontrei me obrigaram a cavar fundo no meu humano, dando-me a consciência de que Deus já me dera o dom maior do mundo, a liberdade. Aquelas pessoas permitiram que eu errasse, porque estavam certas de que eu perceberia que no meu profundo faltava uma nota de amor, alguma coisa que me chamava para um bem maior. Ali iniciou a minha experiência, mas este encontro não é a receita da felicidade; é o início de um caminho no qual nunca se deve baixar o olhar, como felizmente ocorreu comigo, porque é uma contínua busca que não acaba nunca.

Eu vivi um verão no máximo. Tive também ocasião de viver a vida de modo “verdadeiro”, do meu ponto de vista, também nos simples encontros cotidianos que me colocavam na »

» frente de um modelo de vida, de uma modalidade de encarar a realidade, diante da qual eu não pude e não quis ficar indiferente. Teria vontade de dizer que fiz quase as “perfeitas férias de C.L.”. Entre férias da comunidade, viagens, noites, Meeting, praticamente não parei um minuto. No fim de cada turno de férias, porém, algo me picava dentro: um pouco de nostalgia – eu pensava – ou nada, deve ser “a sólita carência”.

Mas depois, a volta à casa. Penso ter sido uma das mais feias das minhas férias. Não era nostalgia, não era carência, não era um vazio. Era um abismo, uma ferida tão grande, um grito tão forte, que não pude abafá-lo. Todos aqueles vazios, acumulados durante o verão, estavam assaltando-me e ali me dei conta de uma coisa: havia muitíssimo que eu não rezava uma oração, mas não uma Ave Maria ou um Pai nosso, NÃO, uma oração verdadeira, um diálogo com o Senhor, um momento em que eu me colocasse cara a cara, para entender quem sou. Quiçá neste período posso também ter feito “tudo”, mas perdi a mim mesmo. Porque este TUDO, sem Cristo, é um vazio. Com efeito, tal como Ele me dá tudo, assim também me pede tudo. Percebi que estava vivendo o cristianismo “sem” Cristo. A primeira coisa que eu tinha encontrado era a Sua presença, mas com o passar do tempo encontrei tantas outras coisas em tão grande número, que me esqueci dele. Como faço para viver o movimento sem me esquecer dele? Como faço para manter viva a Sua presença em mim?

André, Milão